



**A DITADURA CIVIL-MILITAR (1964- 1985) NO ÂMBITO DO  
REGIONAL E DO LOCAL – UMA BREVE ABORDAGEM**

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior<sup>1</sup>

**Resumo**

O presente trabalho é fruto da disciplina “História e Região” oferecida pelo Programa de Pós- Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia. Este tem por objetivo trazer uma breve discussão das relações entre a historiografia que trabalha no âmbito do regional e do local com as questões voltadas à Ditadura civil-militar brasileira (1964- 1985). Segundo Albuquerque Junior (2009), a muito tempo que a história de regiões como o Sul e o Sudeste possuem uma visão de história nacional em relação à áreas como o Nordeste. Além disso, no próprio trato da ditadura com as imagens ou os fatos que marcaram aquela época, as abordagens regionais e locais estão ligadas as relações de poder e de uma perpetuação de histórias ditas nacionais. Nessa conjuntura os livros didáticos funcionam como um ente multiplicador de imagens históricas e de seus fatos. Logo, o presente artigo pretende fazer uma breve abordagem sobre a problematização e a localização da história regional e local dentro das discussões sobre os anos de Chumbo no Brasil e sua relação com a historiografia contemporânea.

**Palavras- chave:** História. Ditadura. Historiografia. Regional. Local.

O século XX foi marcado por acontecimentos históricos que tiveram inúmeras consequências no avanço da sociedade contemporânea. A exemplo, podemos mencionar as revoluções Russa, Chinesa, e Cubana, além das grandes guerras, do embate ideológico entre capitalistas e comunistas, e das ditaduras que assolaram o mundo, principalmente a América do Sul. Logo, o século XX foi um período de acontecimentos importantes para a História, como atribuiu Hobsbawm (1994), *A era dos extremos*. Contudo, a historiografia também passou por uma série de mudanças, após a Escola dita positivista. Na abordagem da Escola dos Annales, a história passou a ser vista como “problema”, onde os fatos e as verdades deveriam ser

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: ajunior.ufrb@hotmail.com.

problematizadas pelo historiador (BARROS, 2012)<sup>2</sup>. Nessa perspectiva, segundo Constantino (2004)<sup>3</sup> a Escola dos Annales passou a difundir após a primeira grande guerra uma “História que narrasse o seu próprio passado”. Ainda segundo este estudioso,

(...) o pensamento dos historiadores também dirigiu-se para o local, para o regional. Passaram a considerar elementos do cotidiano como indicadores de uma realidade histórica mais ampla. Encontraram uma rede de conhecimentos que não mais desprezaram; desejaram entender as aldeias, que ficaram sendo definidas como lugares ou espaços como significado<sup>4</sup>.

Nessa perspectiva, podemos conceber ao campo da história regional e local como algo novo. Uma vez que apenas nas últimas décadas vem surgindo discussões que promovam sua inserção nos debates inerentes a história. Contudo, a história que vem sendo escrita e contada, vem valorizando contextos e espaços que envolvem relações do poder. Dessa forma, os estudos ditos nacionais, que apesar de tomar regiões como modelos, acabam por receber olhares mais atentos da historiografia em relação a estudos que se intitulam regionais (LIMA et al, 2010)<sup>5</sup>.

Por conseguinte, a influência da escola do Annales e sua proximidade com outras áreas das ciências humanas favoreceram a aproximação entre pesquisas e conceitos. Como pontua Lima et al (2010),

Dessa forma, através da aproximação das pesquisas em história como geografia, nas últimas décadas, o conceito de região tem ganhado novas possibilidades de abordagens. Os critérios utilizados para o recorte espacial têm sido pensados de acordo com as necessidades ou interesses da pesquisa que o historiador pretende. Sendo assim, podemos perceber recortes mais antropológicos, culturais, e a fronteira geográfica se opõe agora como fronteiras, ou até mesmo sem fronteiras. Rompe-se aqui com o determinismo naturalista, onde a atividade humana torna-se submissa ao aspecto geográfico de um determinado lugar<sup>6</sup>.

---

<sup>2</sup>BARROS, José D' Assunção. O lugar da história local na expansão dos campos históricos. In: História Regional e Local: discussões e práticas. Org(s) OLIVEIRA, Ana Maria. REIS, Isabel Cristina. Conferência para o I encontro de História Local/ regional. UNEB. Novembro. 2009.

<sup>3</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. O que a micro- história tem a nos dizer sobre o regional e o local?. História UNISINOS. Vol. 8. nº 10. Julho/Dezembro. pp. 157-178.

<sup>4</sup> Idem, p. 160.

<sup>5</sup> LIMA, Adilson Carlos de. A inserção da história local e regional na historiografia e sua abordagem em sala de aula. X Congresso de educação do Norte pioneiro. Campus Jacarésinho. 2010.

<sup>6</sup> Idem, p. 107.

Sendo assim, o estudo do Regional e do Local merece grande atenção, principalmente dos historiadores, uma vez que esta classificação está estritamente ligada às relações de poder e conseqüentemente com o conhecimento geográfico. Como aponta Neves (2008)<sup>7</sup>, historiadora que vê a abordagem da história regional e local como um método, a construção de uma localidade envolve fatores sociais, culturais e articulações com o tempo, espaço etc. Ou seja, a nomenclatura de espaços como Norte e Nordeste, por exemplo, está ligada a fatores externos e às relações de poder intrínsecas à sua formação, resultado da ação humana. Logo, a delimitação de um espaço, regional ou local, pressupõe a “identidade dos poderes” (Neves, 2008).

Por conseguinte, galgando do pensamento de Barros (2009), “a história local é uma realidade no quadro geral de modalidades historiográficas contemporâneas”<sup>8</sup>. Diferentemente de Neves (2008) como dito anteriormente que vê a abordagem regional e local como metodologia, Barros (2009) deixa claro sua postura, ao defender o regional e o local como um campo da História. Ao passo que o Regional seja um sistema onde ocorrem dinâmicas internas, ligadas a outras localidades, enquanto o Local se apresente como um recorte, a partir de um problema político, cultural, econômico etc.

Outro debate que chama atenção é a relação entre o regional- local e a micro história. Segundo Pereira (2012)<sup>9</sup>, as virtudes da história regional e local são a interdisciplinaridade e o avanço cronológico, ao passo que esta dialoga com outras ciências humanas, desde a geografia à antropologia, bem como se relaciona ao tempo de sua construção. Segundo Neves (2008)<sup>10</sup>, a História Regional e Local parte do recorte de um pequeno mundo de um grupo social historicamente construído num determinado lugar pela totalidade. Enquanto que a Micro história analisa fragmentos de ocorrências históricas na forma de recorte temático através de uma comunidade, sem recorrer ao espaço onde os fatos ocorreram.

Segundo Constantino (2004),

(...) a História Regional/ Local que se pretende, antes de ser uma história do microespaço regional, local, é uma história produzida em perspectiva

<sup>7</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes. História e região: tópicos de história regional e local. Ponta de Lança, São Cristóvão v.1, n. 2, abr.-out. 2008.

<sup>8</sup> BARROS, José D' Assunção. O lugar da história local na expansão dos campos históricos. In: História Regional e Local: discussões e práticas. Org(s) OLIVEIRA, Ana Maria. REIS, Isabel Cristina. Conferência para o I encontro de História Local/ regional. UNEB. Novembro. 2009 pp. 7.

<sup>9</sup> PEREIRA, Conceição Meireles. História local e regional - singularidades de uma história plural. In: História Regional e Local II: o plural e o singular em debate. EDUNEB. 2012.

<sup>10</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes. História e região: tópicos de história regional e local. Ponta de Lança, São Cristóvão v.1, n. 2, abr.-out. 2008

diferente e em concepção dialética. (...) História Regional/ Local na perspectiva da micro- história significa revitalização nas formas de produção histórica com reconstrução do que aconteceu perto de nós, buscando respostas a problemas que se impõem no presente, em diferentes esferas e âmbitos.<sup>11</sup>

Podemos compreender que enquanto a micro-história faz análises micro-espaciais a partir dos indícios e revela suas proximidades com uma macro-história, o campo da história regional-local, faz um estudo a partir de determinado recorte espacial que fora construído em determinado local. Segundo Neves (2008),

A matriz metodológica da micro-história desenvolveu-se com os estudos de cultura, especificamente na interação entre o popular e o erudito nas ações cotidianas, reveladoras da dinâmica do saber, capaz de transpor a estratificação social. Além de se embasar na ideia de "paradigma indiciário", fundamenta-se na concepção de "análise intensiva" dos detalhes e na de "redução de escala" do objeto de estudo (...) para a história regional e local importa a unidade observada, o espaço socializado, o cotidiano compartilhado, para a micro-história, a escala de observação numa análise intensiva dos indícios, dos detalhes, das ocorrências secundárias.<sup>12</sup>

Existem inúmeros trabalhos que poderiam representar o uso da micro história, contudo, faço uso da obra de Montenegro (2012)<sup>13</sup> "Ação trabalhista, repressão policial e assassinato em tempos de regime militar" que representa bem a aplicação do método da micro-história. Uma vez que remonta através da memória de Luiz Inocêncio a relação entre suas vivências em anos de ditadura e as representação que os agentes da repressão e da imprensa conservadora realizavam a partir de seus atos, considerados subversivos. Dessa forma, é possível perceber o trabalho com a micro-história e a relação constante com a macro realizada por Montenegro (2012), além de articulações interessantes entre a metodologia empregada e a historiografia.

<sup>11</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. O que a micro- história tem a nos dizer sobre o regional e o local?. História UNISINOS. Vol. 8. nº 10. Julho/Dezembro. p. 177.

<sup>12</sup> Idem pp. 33-34.

<sup>13</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. Ação trabalhista, repressão policial e assassinato em tempos de regime militar. Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 228-249.

Por conseguinte, Albuquerque Junior (2009) na obra *A invenção do Nordeste*<sup>14</sup>, deixa bem claro, apesar do título, que não busca fazer uma aproximação com a história regional. Uma vez que para este autor, a história regional busca colocar a ideia de região em outro patamar, dando-lhe verdade. “Em vez de questionar a própria ideia de região e a teia de poder que a institui, ela questiona apenas determinadas elaborações da região, pretendendo encontrar-se verdadeira” (Albuquerque Junior, 2009)<sup>15</sup>. Além disso, problematiza a ideia de região, uma vez que para ele, definir região é pensá-la como um grupo de imagens, discursos, diferentes estudos e não pensa-la como algo homogêneo.

Ainda no âmbito do regional e do local, Albuquerque Junior (2009) é bem enfático quanto ao que coloca como “a invenção do Nordeste”, ao passo que esta “região”, seria uma elaboração a partir de imagens e discursos de uma elite dominante. Algo que nos remete a ideia inicial de regional ligada às relações de poder. Além disso, parte do pressuposto que a ideia de região não aglutina culturas semelhantes, mas sim as homogeneiza. Ou seja, ao analisarmos a região Nordestina, por exemplo, ou propriamente a figura do nordestino, surgem inúmeros fatores que não pertencem a determinados locais que atualmente são denominados de Nordeste. Contudo, a classificação não leva esses fatores no processo de sua elaboração. O exemplo mais próximo é a caracterização do nordestino. O espaço geográfico conhecido como Nordeste é bastante amplo, ou seja, ao aglutinarmos Estados pertencentes a esta região a algo estritamente único deixamos fatores sociais e culturais de fora. Seria o mesmo que não reconhecermos a cultura e as particularidades sociais e de formação de cada Estado. Saliento que esta não é uma peculiaridade do que comumente conhecemos como região Nordeste, mas Sul, Sudeste etc também.

Quando pensamos na abordagem de temáticas como a ditadura civil-militar brasileira, que neste ano completa 51 anos de sua instauração, pouco se problematiza sobre as implicações do Regional e do local nesta conjuntura. É importante pontuar que o período militar (1964 – 1985) ocorreu após a tomada do Estado pelas forças armadas do país, quando o então presidente João Goulart é deposto e torna vaga a presidência da república, após ser acusado de ter planos socialistas para o Brasil (Skidmore, 1988)<sup>16</sup>. Nessa perspectiva, serão 21 anos e o revezamento de cinco presidentes pertencentes ao quadro militar brasileiro que define a forma de governar o país. Dessa forma, os atos institucionais, a repressão e a perseguição política também são marcas e ações que marcaram aquele período da história do Brasil (ALVES, 2000)<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. 4 ed. São Paulo; Cortez, 2009.

<sup>15</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. 4 ed. São Paulo; Cortez, 2009. p. 39

<sup>16</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo á Tancredo*. Ed. Paz e terra. São Paulo, 1988.

<sup>17</sup> ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964 – 1985)*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

Com base nos estudos realizados sobre o período em questão, até então, não me questionava sobre a existência de relações de poder a partir de uma abordagem do regional e do local. Contudo, passei a refletir sobre onde teriam se desenvolvido os cenários mais simbólicos da Ditadura e suas maiores representações. Quando me refiro a isto, exemplifico com a deposição de Jango, os desdobramentos no Estado do Rio de Janeiro, desde o incêndio da União Nacional dos Estudantes (UNE) à morte do estudante secundarista Edson Luís e o quanto, principalmente os dois últimos fatos, se tornaram símbolos na história nacional e referências para o período.

Após realizar a disciplina História Regional e Local no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia e que leva o mesmo nome da disciplina sob a supervisão da docente Dr<sup>a</sup> Sara Farias. Comecei a refletir sobre a temática da ditadura militar e sua relação com o regional e local, bem como perceber as relações de poder voltadas à ditadura e o campo do regional- local. Com isso, fiz um breve levantamento sobre trabalhos que mostram o quanto a ditadura esteve presente em vários estados do país, e não restrito a Estados como o Rio de Janeiro e São Paulo. Dessa forma, foi possível perceber que existem muitos trabalhos que abordam a ditadura militar e suas mais variadas vertentes, sejam políticas, sociais e culturais em diferentes espaços geográficos.

Nos últimos anos, por exemplo, surgiram trabalhos que abordam o período militar e seus desdobramentos em estados e municípios brasileiros. Alguns exemplos encontrados são *Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes* organizado por Zachariadhes (2011)<sup>18</sup>, *O golpe de 1964 e suas reverberações em Santo Antônio de Jesus-Bahia (1960-1983)*<sup>19</sup> Mota (2013), *1964 em Sergipe: Política e Repressão*<sup>20</sup> Cardoso (2015), *A produção do espectro comunista: imprensa, política e catolicismo (Blumenau 1960-1964)*<sup>21</sup> Fabrício (2011) e *Conhecendo o inimigo: criminalidade política e subversão, o dops mineiro na ditadura militar (1964-1973)*<sup>22</sup> Barbosa (2012). Estes estudos são apenas alguns que selecionei e que trazem

---

<sup>18</sup> ZACHARIADHES, GC et al. *Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009.

<sup>19</sup> MOTA, Cristiane Lopes da. *O golpe de 1964 e suas reverberações em Santo Antônio de Jesus-Bahia (1960-1983)*. Dissertação de Mestrado. PPG História Regional e Local. Universidade do Estado da Bahia, 2013

<sup>20</sup> CARDOSO, Célia Costa. *1964 em Sergipe: política e repressão*. In: JANOTTI, Maria de Lourdes M. & ARIAS NETO, José Miguel (orgs.). *Democracia e Autoritarismo: estratégias e táticas políticas*. Vinhedo, Editora Horizonte, 2015.

<sup>21</sup> FABRÍCIO, Edison Lucas. *A produção do espectro comunista: imprensa, política e catolicismo (Blumenau 1960-1964)*. Dissertação de Mestrado. PPG História. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2011.

<sup>22</sup> BARBOSA, Julia Letticia C. *Conhecendo o inimigo: criminalidade política e subversão, o dops mineiro na ditadura militar (1964-1973)*. Dissertação de Mestrado. PPG História. Universidade Federal de São João del Rei, Minas Gerais, 2011.

uma abordagem do período em perspectivas regionais e locais. Ou seja, ao passo que ocorriam os decretos e atos militares, apesar de suas particularidades, os mais diversos Estados e regiões apresentavam desdobramentos.

Uma vez utilizando a método de análise de Albuquerque Junior (2009) ao qual menciona que os discursos se impõem pela repetição, bem como é difundido pelas imagens e discursos, nos é possível perceber o quanto as imagens voltadas à ditadura são extraídas de alguns Estados do país. A favor deste fato, está uma das ferramentas mais utilizadas entre os professores da educação básica e média, o livro didático. Estes são detentores de imagens e discursos que criam uma identidade da história recente do Brasil, onde os acontecimentos ficam restritos à localidades. Como aponta Paiva (2002)<sup>23</sup> às imagens não são a verdade por si só, possuindo a subjetividade de quem a idealiza sendo muitas vezes um fator de empoderamento para a história e sua simbologia. Logo, as imagens contidas nos mais variados livros didáticos ou paradidáticos estão relacionados a escolhas e não simples representação. Com isso, poderíamos inferir a seguinte proposição, não estariam as editoras construindo a partir de uma história regional e local, uma história nacional?

Além do exposto anteriormente, segundo problematiza Muniz (2009), existe um problema de se pensar na divisão historiográfica em história nacional e história regional. Algo muitas vezes aceito pelos historiadores que trabalham com a história regional. Muniz (2009) é bem taxativo quando usa a terminologia “imperialismo” paulista e da região sul na historiografia, ao qual fazem história nacional e as demais regiões história regional. Logo, é necessário problematizar a localização de nosso trabalho, indo muito mais além do Nacional e/ou do regional- Local, mas fazendo uma história sem tantas classificações e ou especializações. Também se faz necessário um olhar amplo à historiografia, não sendo tão taxativo quanto Muniz (2009), mas observando as lacunas da historiografia brasileira e buscando preencher alguns “vazios” históricos.

Por fim, é importante pontuar que este trabalho tem a pretensão de refletir sob a ditadura militar a partir de outras óticas e não apenas a política. Assim como outros momentos históricos brasileiros, foram criadas imagens e representações que se perpetuaram, e que não as diminuindo, não é intenção do artigo, é necessário problematiza-las. A ditadura civil-militar foi um período que ocorreu no Brasil e por consequência atingiu os respectivos estados e seus municípios. Por fim, é necessário

---

<sup>23</sup> PAIVA, Eduardo França. História & Imagens. Coleção História & Reflexões. 2ª Edição. Belo Horizonte, Ed. Autêntica. UFMG, 2002

reconhecer que inúmeros historiadores pelo país e muitos programas de história fazem reflexões quanto à ditadura militar em municípios e suas implicações no período.

Por fim, com tal reflexão é possível perceber o quanto há fontes inesgotáveis na relação entre a Ditadura militar e as implicações nos mais variados Estados e municípios brasileiros. Assim, ao relacionarmos os campos históricos, com os mais variados temas, é possível compreender as inúmeras teias de ligação a que a história está embutida. Contudo, cabe ao historiador estar atento e aberto a novas perspectivas metodológicas e campos de abordagem, algo que permitirá ao mesmo obter estudos amplos dentro de sua própria temática, neste caso na Ditadura civil-militar.